



A. Estado, Poderes e Sociedade
B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões
C. Educação e Desenvolvimento
D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes
F. Família, Género e Afectos
G. Teorias, Modelos e Metodologias
Sessões Plenárias

DINÂMICAS ASSOCIATIVAS EM LOURES

Rui M. B. Banha

Introdução

O Estudo do Associativismo tem por objecto as associações voluntárias do concelho de Loures, que proporcionam aos seus aderentes, com regularidade, actividades culturais, desportivas e recreativas. Estão abrangidas, neste conceito, não apenas as chamadas *colectividades* como todas as outras associações que, embora não possuindo como finalidade principal a promoção da cultura, do desporto e do recreio, oferecem actividades nestas áreas, nomeadamente: *Bombeiros, Moradores, Pais, Cooperativas* (de consumo, habitação e produção), *Centros de Cultura e Desporto de organizações, Religiosas, Juvenis* (locais, grupos paroquiais e escuteiros), *Idosos e outras*. Em 1989, ano do começo do projecto, verificava-se, por parte dos Serviços culturais da Câmara Municipal de Loures, a necessidade de possuir uma informação exaustiva e o mais rigorosa possível sobre o associativismo do Concelho — no fundamental, sobre os respectivos meios, actividades e praticantes, bem como dificuldades, necessidades e projectos. Na realidade, os dados proporcionados pelo Inquérito às Colectividades, aplicado por via postal em 1987, não eram suficientemente seguros e completos para os diagnósticos e os relatórios de apoio à gestão corrente e, muito menos para o planeamento das acções e dos apoios no âmbito do associativismo. A realização do Inquérito às Associações com actividades culturais, recreativas e desportivas, em 1989, possibilitou, por um lado, a superação destas lacunas informativas e, por outro, a constituição de uma informação de base, um referencial, para futuros trabalhos de actualização e de aprofundamento. Desde então foram efectuados mais dois inquéritos por questionário, que abrangeram a totalidade do universo associativo (com intervenção cultural em sentido lato), em 1991 e 1994. Além destes, foram concretizados estágios de finalistas de Sociologia, cujos trabalhos incidiram nos temas de Dinâmicas associativas, Associações filarmónicas e Associativismo juvenil. Na presente comunicação são apresentadas um conjunto de notas sobre a evolução do associativismo em Loures, no período de 1989 a 1994, tendo por base os dados definitivos do primeiro inquérito e os preliminares do último. ^[1]

Dinâmicas associativas em Loures

Com algumas adaptações, utiliza-se aqui o conceito de dinâmicas associativas apresentado por Ângela Amaral na sua dissertação académica sobre este tema. ^[2]

CONCEITO DE DINÂMICAS ASSOCIATIVAS

DIMENSÕES	INDICADORES
Socioistórica	Evolução quantitativa
	Evolução cronológica
	Evolução tipológica
Organizativo-financeira	Organização e funcionamento
	Identificação de instalações
	Financiamento
Socioespacial	Caracterização dos associados

	Caracterização dos líderes
Participativa	Frequência associativa
	Actividades e praticantes
Auto-representação	Identificação da inserção local
	Avaliação dos relacionamentos
	Valorização do papel

Para a abordagem do tema, foram consideradas cinco dimensões estruturantes do conceito de dinâmicas associativas, nomeadamente:

- dimensão socioistórica;
- dimensão socioespacial;
- dimensão organizativo-financeira;
- dimensão participativa;
- dimensão de auto-representação.

Dimensão sociohistórica

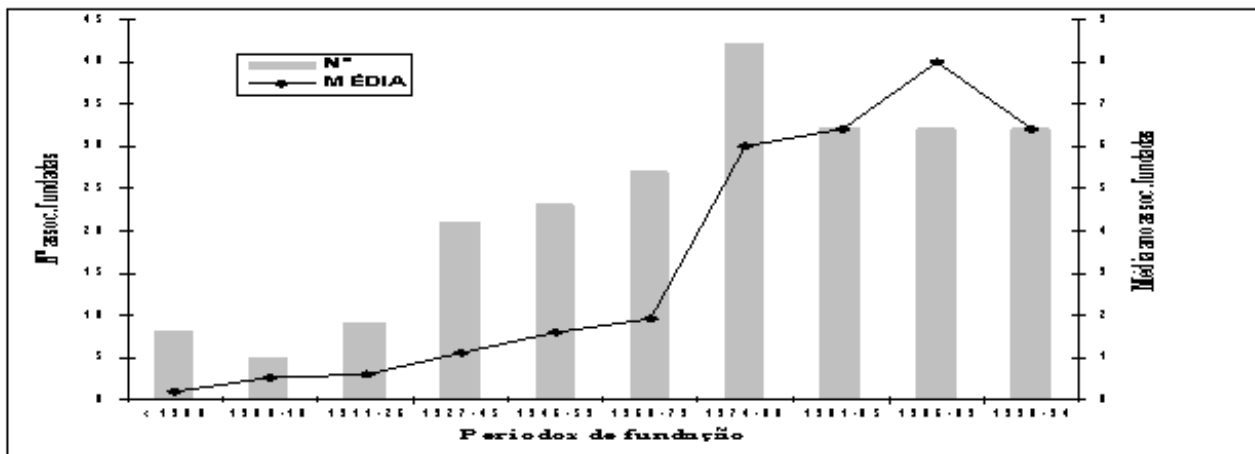
Evolução quantitativa

No período de 1990-94, foram fundadas 58 associações e encerraram 28. Verificou-se, assim, um acréscimo de 30 associações, o que se traduz num valor de mais 15%.

Evolução cronológica

Como é visível através da observação do gráfico, a média anual de associações fundadas manifestou uma tendência crescente até 1986/89. No último período, verificou-se um ligeiro decréscimo cujo valor é semelhante ao da média de 1981/85.

Gráfico: Evolução quantitativa e cronológica das associações voluntárias



É pertinente salientar que mais de 60% das associações actuais surgiram no pós-Abril de 1974, o que exprime a relação estreita entre associativismo e democracia, como aliás já o havia observado Tocqueville nos EUA. ^[3]

Evolução tipológica

Verificou-se uma certa estabilidade de valores, com as *colectividades* a manterem um peso próximo dos 80%, apesar de um ligeiro decréscimo a favor das *outras associações* (cujo peso ultrapassou os 21%).

Dimensão organizativo-financeira

Organização e funcionamento

De 1989 para 1994 passou a haver:

- a. mais associações com:
 - estatutos publicados;

- estatuto de utilidade pública;
- relatório de actividades;
- plano de actividades;

b. menos associações com:

- existência de sede;
- filiação em associações/federações;
- pessoal remunerado;
- meios de transporte.

Ou seja, o associativismo perdeu globalmente em recursos (físicos, em pessoal e equipamento) e, logo, em condições de funcionamento, e ganhou em organização — o que, porventura, poderá ter atenuado a diminuição dos recursos.

Identificação de instalações

De 1989 para 1994, a alteração mais significativa ao regime de utilização das instalações da sede foi o aumento da percentagem das *cedências*, em detrimento dos regimes de *propriedade* e de *arrendamento* — o que passou a traduzir uma estrutura tripartida com valores mais próximos.

No respeitante às entidades de cedência, há a assinalar, agora, o maior peso dos *particulares* (que passou de 28 para 36%) em comparação com o da *Câmara* (que se manteve nos 28%) e o das juntas (que decresceu de 24 para 21%).

É interessante verificar que, no período de 1992/94, cerca de 1/3 das associações inquiridas passou a utilizar outras instalações, o que traduz globalmente um certo dinamismo e, presume-se, uma procura de melhores condições físicas.

Financiamento

Quanto às fontes de financiamento, de 1989 para 1994 manteve-se a estrutura, com um ligeiro decréscimo da componente de *verbas próprias* (de 80 para 76,5%) em benefício da componente de *subsídios/apoios* (de 20 para 23,5%).

Relativamente às entidades solicitadas para dar apoios, verificaram-se alterações significativas, nomeadamente:

- diversificação das entidades a quem foram solicitados apoios, não deixando as Autarquias de serem as mais procuradas — *Câmara* e *J. Freguesia* com, respectivamente, 31 e 30% dos pedidos —, logo seguidas pelos *comerciantes* (18%);
- o peso da *Câmara* passa de metade para menos de 1/3, sendo o diferencial destas solicitações transferido para os comerciantes — o que significa, também, um maior protagonismo da sociedade civil, desta vez a pagar!;
- manteve-se o peso da *J. Freguesia*, que fica com uma quota de solicitações idêntica à da *Câmara*.

Pese embora a diversificação dos pedidos, as novas associações só receberam um apoio efectivo por parte de: *Câmara*; *Junta*; *comerciantes* e, sobretudo, *particulares*.

Para finalizar este indicador, é de registar uma menor capacidade financeira das associações mais recentes que, devido precisamente à sua “juventude”, possuem um volume de receitas inferior a 3 mil contos em 70% dos casos (contra 55% em 1989).

Dimensão socioespacial

Caracterização dos associados

A adesão às associações registou uma percentagem ainda maior de homens, com o peso das filiações masculinas a ultrapassar os 85% em 1990/91 (contra 80% em 1989). Esta tendência é contrária à que se verificou ao nível da liderança associativa, como se verá no ponto seguinte.

Quanto ao local de residência, em 1990/94 é de destacar uma redução da percentagem de residentes na própria freguesia para 75% (em 1989 era de 85%). Poderá este fenómeno ser atribuído a uma maior mobilidade das pessoas, fruto de melhores acessibilidades?

Caracterização dos líderes

Em 1989, registava-se, uma quase exclusividade masculina na liderança associativa, na ordem dos 94%. Em 1990/91 esta relação manteve-se para, em 1992/94, dar lugar a um maior destaque às mulheres que passaram a ocupar 22% dos lugares de direcção. Este fenómeno, a manter-se, estará de acordo com o contexto geral de um processo de feminização da sociedade. Ou será apenas um fenómeno conjuntural?

Ao nível das idades, houve um crescimento para 30% do peso dos jovens até aos 29 anos e dos adultos jovens (dos 30 aos 44 anos) para 45% no período 1992/94.

Neste intervalo temporal, crescem todos os grupos de profissões agregadas à excepção dos trabalhadores da produção na indústria, que passam de quase metade para menos de 1/3 — o que está de acordo com a redução dos residentes activos no sector secundário em benefício dos do terciário. Também em 1992/94 verifica-se o surgimento de novos protagonistas, facto confirmado pelos 3/4 de líderes com apenas 1 mandato, sobretudo das chamadas *classes médias*: assiste-se à redução do peso da *burguesia* e do *operariado industrial* (de 44 para 29%), com a manutenção do peso da *pequena burguesia executante* (25%).

Estes valores estão mais de acordo com o modelo encontrado nos países ocidentais mais desenvolvidos, em que os activistas do associativismo pertencem, sobretudo, aos estratos sociais

médios e altos, com maior grau de instrução.^[4] Entende-se melhor o decréscimo do peso do operariado, se se acrescentar que metade das associações surgidas no último período pertence ao subsistema de Odivelas, cujos activos residentes laboram predominantemente no terciário.

Dimensão participativa

Frequência associativa

Contrariamente a 1989, em que apenas 1/4 das associações era frequentada por *ambos os sexos*, nas associações surgidas depois de 1990 a frequência é maioritariamente mista, na ordem dos 70% (em 1992/94). As novas associações são mais abertas não apenas às mulheres como aos mais jovens.

Actividades e praticantes

De 1989 para 1994, as associações passaram a oferecer mais actividades com regularidade (de 66 para 69%) e com maior orientação por parte de *professores/técnicos qualificados* (de 29 para 39%) — são, aliás, valores que estão em consonância com a melhor capacidade organizativa já observada atrás. Genericamente, registou-se um acréscimo do peso das actividades culturais de 15 para 20% de praticantes em detrimento das desportivas.

Quanto aos cerca de 22 mil praticantes apurados em 1994, verificou-se um ligeiro aumento de 1,5%, o que foi insuficiente para sustentar a redução da média de praticantes por associação: de 113 em 1989 para 104 em 1994.

No respeitante à composição dos praticantes há a assinalar duas modificações significativas, que entroncam em fenómenos de natureza mais global ou estrutural:

- a primeira está na redução do peso dos escalões etários mais jovens até aos 9 anos e no aumento do peso dos mais velhos a partir dos 65 anos, ambos com um valor de 1/3 (naturalmente, com sinal contrário) — a explicação está no processo de envelhecimento da população, que se traduz numa redução dos efectivos na base da pirâmide etária e o seu aumento no topo, que, por sua vez, é motivada, sobretudo, pela queda acentuada da taxa de fecundidade;
- a segunda está no aumento, ainda que pouco pronunciado, da percentagem de mulheres, que passam de 29 para 32% — a justificação estará, porventura, no processo de democratização da sociedade que, progressivamente, tem vindo a possibilitar às mulheres o acesso a novos lugares e práticas, o que também começa a ser tendencialmente visível ao nível do associativismo.

Dimensão de auto-representação

Identificação da inserção local

De 1989 para 1994, a participação em acções promovidas por outras associações, pela Câmara e pelas Juntas continuou elevada, acima de 80%.

O relacionamento com as escolas e os *media* verificou-se em mais de metade das associações (respectivamente, 51 e 57%) Quanto às primeiras, é privilegiado o relacionamento ao nível dos 1º e 2º ciclos, em quase 2/3 dos casos. No referente aos segundos, os contactos são estabelecidos predominantemente com as rádios locais (42,5%) e a imprensa local (24,4%). Assim, a dimensão eminentemente local das associações objecto de análise reflecte-se também no relacionamento interinstitucional, em que precisamente os interlocutores são as entidades mais próximas, quer da administração pública quer privados.

Avaliação dos relacionamentos

Que apreciação fazem os líderes associativos sobre estes relacionamentos?

Numa escala com as categorias de *positivo*, *negativo* e *inexistente*, foram de novo considerados

positivos os relacionamentos com (por ordem decrescente):

- a população;
- a Junta de freguesia;
- a Câmara;
- outras associações
- outras entidades (à excepção destas, todos os relacionamentos com valores atribuídos acima dos 90%).

Neste contexto, numa orientação de pesquisa como também de intervenção ou, dito de outro modo, de investigação para a acção, perspectiva-se frutuosa a exploração do conceito de *campo cultural local* — muito sinteticamente, “a tentativa de compreender melhor os processos de reelaboração e de

produção cultural própria, num território dado”^[5]. Acrescentar-se-ia também a noção de *rede*, entendida esta como um processo (“projecto”) caracterizado por interdependências, por uma comunicação regular traduzida em práticas de troca de experiências e de apresentação de resultados e pela partilha de recursos disponíveis.

Valorização do papel

Dada a natureza destas associações, não é de estranhar que as funções *expressivas* — de sociabilidade/convivialidade (36,1%) e de lazer (24,1%) — sejam as mais valorizadas por contraposição às funções *instrumentais*, que mesmo assim atingem 1/3 das referências — autocentradas ou de funcionamento (16,4%), de acção social (11,1%), reivindicativas (3,3%) e de educação/formação (3%). Os restantes 6% são outras não classificáveis em ambos os tipos.

Dois comentários para finalizar em torno das funções principais de cada tipo: o primeiro, para destacar a função de sociabilidade/convivialidade que as associações preenchem e que está relacionada com a sua própria etimologia; o segundo para relevar a função de autocentramento, ou seja, de valorização do funcionamento da associação de *per si*, o que traduz, seguramente, uma consciência e uma vivência na prática das dificuldades do quotidiano associativo num contexto socioeconómico desfavorável.

Notas de contextualização e perspetivação das dinâmicas associativas

O quadro traçado sobre as dinâmicas associativas, observadas no período curto de cinco anos, sugere uma visão algo optimista, que se pode contrapor à ideia pessimista de uma crise generalizada do associativismo sem se descortinarem alternativas de futuro.

Ao nível, sobretudo, das *colectividades*, são notórios sinais de dificuldades de constituição de elencos directivos, de eficácia organizativa, de angariação de recursos, de melhoria das actividades desenvolvidas e dos serviços prestados e de participação dos associados.

Há razões objectivas que são explicações possíveis para este panorama, nomeadamente: a falta de hábitos de participação cívica; a dificuldade das condições de vida de muitos dos seus protagonistas, pertencentes aos estratos menos qualificados da pequena burguesia e ao operariado industrial — desemprego e emprego precário; redução efectiva dos tempos livres, despendidos em biscates e/ou em deslocações pendulares cada vez mais morosas;

desestruturas familiares; propagação de um ideário individualista, potenciado pela generalização das manifestações tecnológicas associadas ao audiovisual e que são consumidas na esfera privada; o concomitante aumento das ofertas culturais e de recreio proporcionadas pelas indústrias do lazer situadas em Lisboa; uma alteração dos gostos e das aspirações socioculturais dos novos residentes, que se supõe pertencerem, maioritariamente, às classes “médias”, mais influenciados por uma cultura (consumista) de massas e não identificados com o território de residência; as dificuldades de adaptação de muitas direcções associativas a uma procura de serviços mais exigente.

Pese, embora, este conjunto de circunstâncias, que favorecem a tal visão pessimista, tem sido possível observar em Loures a consciência destes problemas, por parte de protagonistas do Movimento associativo. Além desta consciência, têm sido encontradas algumas soluções inovadoras no sentido de uma maior eficácia organizativa, de formas de atracção dos jovens, de favorecer a integração de comunidades étnicas e regionais, de prestação da solidariedade social, etc. Um dos sinais mais interessantes do último Encontro de *Colectividades* (1993) foi a perspectiva, expressa por muitos intervenientes, da necessidade, por um lado, de uma colaboração mais estreita entre as diversas formas de associativismo — desde as *colectividades* até às IPSS, das associações de moradores às de idosos —, e, por outro, de partilha de recursos comuns (físicos, técnicos, etc.). Existem já relações regulares entre as diversas associações e destas com as Autarquias locais e as Escolas. Fala-se de uma rede de relações locais e interinstitucionais que há que desenvolver.

[1] Como nos inquéritos de 1991 e 1994 não foram actualizadas todas as variáveis contidas no questionário mais exaustivo de 1989, a análise das dinâmicas associativas foi efectuada em dois planos distintos: 1º comparação entre os dados de todas as associações existentes em 1989 e em 1994; 2º comparação dos dados entre o universo associativo em 1989 e o universo das associações surgidas no período de 1992-94.

[2] AMARAL, Ângela M. Furtado - *A dinâmica associativa no concelho de Loures*, tese de licenciatura em Sociologia Urbana - ISCTE (orientador: Isabel Duarte), Dezembro de 1993

[3] TOCQUEVILLE, Alexis - *A Democracia na América*, Lisboa, Estúdios Cor, 1972

[4] de acordo com: KELLERHALS, Jean - *Les associations dans l'enjeu démocratique - Etude sur la participation aux groupements organisés*, Editions Payot, Lausanne, 1974

[5] GUERREIRO, Luís Alves; ROLO, Fernanda Pereira - *Equipamentos culturais e campos culturais locais*, in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*, Actas do Encontro de Vila do Conde, Associação Portuguesa de Sociologia, Abril de 1993